

MANCHAS AMARELAS EM GRAVIOLA (*ANONNA MURICATA*) CAUSADAS POR UM RHABDOVIRUS*. E.W.KITAJIMA** & ANTONIO APOLITANO DOS SANTOS² (Dept. Biol. Cel., Univ. Brasília, 70919 Brasília, DF; 2EPACE, Av. Rui Barbosa 1246, 60000 Fortaleza, CE). Yellow blotch of soursoap (*Annona muricata*) leaves caused by a rhabdovirus.

Plantas de graviola (*Annona muricata*) exibindo manchas cloróticas nas folhas foram observadas em um teste experimental mantido no Centro Nac. Pesq. Cajú em Pacajús, CE. Do total de cerca de 150 plantas pouco mais de 30% exibiam os sintomas, parecendo estar ocorrendo um aumento gradual no número de plantas afetadas. A anomalia foi transmitida por enxertia a mudas sadias de graviola, e com muita dificuldade, por métodos mecânicos. Exames ao microscópio eletrônico de preparações "leaf dip" revelaram a presença de partículas do tipo rhabdovirus em abundância, o que foi confirmado no exame de seções histológicas. Massas de partículas ocorriam em cavidades limitadas por membranas no citoplasma das células parenquimatosas e da epiderme. Em várias células ocorriam viroplasmas no citoplasma constituídas de material fibrilar. Em casos favoráveis pode-se notar continuidade da membrana das partículas com a membrana do retículo endoplasmático, durante a morfogênese. Nas tentativas preliminares de purificação combinando-se filtração do extrato em Celite, precipitação com PEG 6000, ciclos de centrifugação diferencial e zonal em gradiente de sacarose obteve-se concentração razoável de partículas do tipo rhabdovirus, mas ainda contaminadas com membranas celulares. Não se constatou transmissão pela semente.

* Apoio financeiro do CNPq, FINEP e CAPES.

** Bolsista de Pesquisa do CNPq.

UMA BACTERIOSE DE ARROZ TRANSMITIDA PELO SEMENTE. R.S. ROMEIRO¹, J.L.S. COSTA², F.M.F. SOARES³, M.H. OKUYAMA, M.H.⁴, H.S. MORGADO⁵, J.R. OLIVEIRA¹ (1 Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Fitopatologia, 36.570, Viçosa, MG; 2 Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão, 74.000, Caixa Postal 179, Goiânia, Goiás; 3 Rua Paula Bueno, 300, Apt. 11, Taquaral, Campinas, SP. 4 bacterial disease of rice transmitted by seeds.

Sementes de arroz ('Dourado Precoce') advindas do CNPAP (EMBRAPA) foram examinadas quando se constatou exibirem elas diferentes tipos de manchas. Lesões deprimidas, lisas, pequenas e pardas, pelo teste de exsudação em gota, revelaram ser incitadas por bactéria fitopatogênica nas tentativas de isolamento a partir da semente foram infrutíferas. Sementes foram plantadas em vermiculita e algumas delas originaram plantas que, ao atingirem cerca de 20 cm, começaram a apresentar queima generalizada e enfraquecimento. Dessas plantas com sintomas foi possível isolar uma bactéria em forma de bastonete, gram-negativa, aeróbica estrita, capaz de utilizar asparagina como única fonte de C e N e não produtora de xantomonadinas. Testes de patogenicidade resultaram em HR em fumo, café, couve-flor, tomate e feijão e, no hospedeiro original, em lesões foliares necróticas circundadas por conspicuo halo clorótico. Testes bioquímicos e tintoriais indicam ser a bactéria *Pseudomonas avenae*.

MOSAICO EM CAPIM ELEFANTE (*PENNISETUM PURPUREUM*) ASSOCIADO A UM POTYVIRUS† E.W.KITAJIMA**, G.P.MELO Fo.*** & CLAUDIA R.B. OLIVEIRA**** (Dept. Biol. Cel., Univ. Brasília, 70919 Brasília, DF). Mosaic in elephant grass associated with a potyvirus

Durante levantamento de viroses de milho, realizado no Est. Paraná em 1984, foram notadas na localidade de Santa Helena no oeste paranaense, plantas de capim elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.) com sintomas de mosaico. Foram coletadas algumas estacas e enraizadas em condições de casa-de-vegetação. Preparações "leaf dip" e exames de seções ultrafinas indicaram a presença de um potyvirus, mas reiteradas tentativas de transmissão a plântulas de capim elefante e outras gramíneas além das plantas teste habituais, por meios mecânicos foram infrutíferas. Contudo, tentativas de purificação do vírus, empregando o método descrito por Marinho et al. (1989) foi possível obter preparações altamente purificadas e concentradas. Eletroforese de proteínas extraídas mostraram para a proteína capsial, uma banda única de 35kd; para o RNA obteve-se uma componente única de ca. 2,9x10⁶d. Obteve-se também um antissorro específico. Embora haja relatos de infecção de capim elefante pelo vírus do mosaico da cana-de-açúcar, este potyvirus do capim elefante não reagiu sorologicamente com antissorro contra o vírus do mosaico da cana-de-açúcar, sendo provavelmente um vírus distinto.

* Apoio financeiro do CNPq e FINEP.

** Bolsista de Pesquisa do CNPq

*** Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

**** Bolsista de Desenvolvimento Regional do CNPq

REAÇÃO DE GENÓTIPOS DE REPOLHO A *Xanthomonas campestris* pv. *campestris*. G.P. HENZ & L.B. GIORDANO (CNPH/EMBRAPA, C.P. 07.0218, 70.359, Brasília, DF). Reaction of cabbage genotypes to *Xanthomonas campestris* pv. *campestris*.

Foi avaliada a reação de 85 linhagens S3, S4 e S5 e 7 híbridos/cultivares de repolho a *Xanthomonas campestris* pv. *campestris* em condições de telado. As plantas foram inoculadas 35 dias após a semeadura, no estádio 2 (2-5 folhas verdadeiras). O método de inoculação consistiu em trespassar o caule com um alfinete entomológico na axila da folha mais velha, depositando-se, a seguir, uma gota de 25 µl de inóculo (10⁸ UFC/ml). A avaliação foi realizada 30 dias após a inoculação com base em uma escala de notas (0-5) e na proporção da altura necrosada do caule (PANC), obtida pela divisão da altura da necrose interna do caule pela altura total do caule. Os genótipos mais resistentes foram as cvs. Master e União e duas linhagens S4 do Programa de Melhoramento de Brássicas do CNPH.

UMA BACTERIOSE DA SOJA PERENE INCITADA POR *Xanthomonas campestris*. R.S. ROMEIRO¹, P.E. SOUZA², R.M. SOUZA³, L.M.M. MELO¹. (1 Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Fitopatologia, 36570, Viçosa, MG; 2 ESAL, Dept. Fitossanidade, 37200, Lavras, MG). A bacterial disease of *Glycine wightii* due to *Xanthomonas campestris*.

De lesões foliares necróticas circundadas por halo clorótico em plantas de soja perene (*Glycine wightii*) naturalmente infectadas, oriundas dos municípios de Viçosa (MG) e Lavras (MG), foi isolada uma bactéria Gram-negativa, aeróbica estrita, incapaz de utilizar asparagina como única fonte de C e N e produtora de xantomonadinas. Testes de HR foram negativos em tomate, fumo, café e pimentão mas, quando se procedia à inoculação no hospedeiro original ocorria reprodução dos sintomas foliares. Testes bioquímicos indicam tratar-se de *Xanthomonas campestris*. Estudos adicionais estão sendo conduzidos para determinação do patovar.

AVALIAÇÃO DA SENSIBILIDADE "IN VITRO" DE *PSEUDOMONAS FLORESCENS* BIOVAR II A DIFERENTES BINÔMIOS TEMPO-TEMPERATURA E A PRODUTOS QUÍMICOS. M.G. BATISTA; J.A. VENTURA & H. COSTA (EMCAPA/EMDF, Caixa Postal 391, 29.000 - Vitória-ES). Evaluation of "in vitro" sensibility of *Pseudomonas fluorescens* biovar II to different time-temperature combinations and chemicals products.

A bacteriose do alho, causada por *Pseudomonas fluorescens* biovar II, vem preocupando os produtores de alho do Espírito Santo, uma vez que os produtos químicos mais usados não tem mostrado eficiência de controle. Visando obter informações para o controle da doença, estudou-se "in vitro", a inativação térmica nos binômios tempo-temperatura (48, 50, 52, 54, 56 e 58°C por 10', 20' e 30' de exposição) e o efeito de diferentes compostos (mancozeb; oxicleto de cobre; sulfato de cobre; benomyl; sulfato de estreptomicina, cloranfenicol; kasugamicina e antibiótico natural), sobre o isolado EMCAPA-2480. Os experimentos foram conduzidos em delineamento experimental inteiramente casualizado com três repetições, utilizando-se como parâmetro de avaliação da sensibilidade térmica, a sobrevivência da bactéria e o diâmetro do halo de inibição após 48 e 72 horas de incubação a 25°C, para a sensibilidade aos compostos químicos. O binômio mais eficiente foi de 58°C por 30', embora se tenha verificado efeito da temperatura acima de 52°C. O sulfato de cobre e o cloranfenicol foram os mais eficientes na inibição da bactéria, seguido do oxicleto de cobre e sulfato de estreptomicina. A kasugamicina, apesar de usada por alguns produtores não apresentou nenhum efeito sobre a bactéria.